**Dr. David Turner, Matthew
Aula 4A – Mateus 6-7: Oração, Preocupações e Outros Assuntos**

Olá, aqui é David Turner. Bem-vindos à nossa palestra 4A sobre Mateus. Temos muito trabalho pela frente hoje, nesta palestra, porque queremos abordar alguns pontos altos em Mateus 6 e 7. Então, sem mais delongas, é melhor começarmos.

Ao analisarmos Mateus 6 e 7, observe que, no esboço do material suplementar, página 17, o dividimos em cerca de cinco seções. E tentaremos abordar alguns pontos principais em cada uma delas. Primeiro, Jesus fala sobre religião falsa e genuína em Mateus 6:1-18.

Observe que na página 18 apresentamos a estrutura da passagem, onde Jesus apresenta seus ensinamentos sobre três deveres religiosos que seriam básicos para a comunidade judaica cristã de Mateus. Os princípios gerais enunciados em 6:1, depois em 6:2-4, a questão da esmola ou dar aos pobres, 6:5-15, a questão da oração, e então 6:16-18, a questão do jejum, estão relacionados. Cada vez que um deles é abordado, um padrão semelhante emerge.

Observe na página 18 que Jesus primeiro proíbe a religião hipócrita e sua atividade ostentosa com a motivação equivocada de ser admirado pelos outros, e sua solene afirmação de que eles já receberam sua recompensa, contrastando com a religião genuína, que é ordenada. A atividade deve ser realizada em segredo, para ser vista apenas pelo pai, que, no devido tempo, recompensará o crente. Portanto, a análise da passagem é muito interessante, e a estrutura é bastante repetitiva, pois Jesus primeiro enuncia esse princípio geral e, em seguida, aborda três áreas-chave da atividade religiosa.

É interessante notar que o que Jesus está fazendo aqui, mais uma vez, continua a elucidar o que se quer dizer quando os discípulos são instruídos em 5:48 a imitar o caráter justo de seu pai e a imitar o que é essa justiça maior, maior do que a dos líderes judeus em 5:20. O princípio geral enunciado em 6:1 conecta a justiça com a intenção dos discípulos. Os discípulos devem estar atentos a atos religiosos praticados com a intenção de impressionar as pessoas, visto que atos praticados com a intenção de impressionar as pessoas não serão recompensados pelo Pai Celestial. E agora a questão da prática religiosa e seu público adequado.

O discípulo de Jesus se esforça para ser perfeito como o Pai Celestial é perfeito. Isso significa que a santidade vem de dentro para fora. O caráter do discípulo deve ser modelado no caráter do Pai, e seu desempenho deve ser feito para a aprovação do Pai.

Isso certamente vai contra a corrente da cultura ocidental , frequentemente caracterizada por exibicionismo e ostentação. O lema mundial é: se você tem, exiba. E isso se infiltrou na igreja com a mesma certeza que se infiltrou nas sinagogas da época de Jesus.

Mas Jesus não queria apenas que seus discípulos fizessem a coisa certa. Ele também queria que fizessem da maneira certa. Quando se trata de doar, podemos não tocar trombetas hoje, mas frequentemente divulgamos os nomes das pessoas que mais doam.

Certamente isso viola o princípio central desta passagem e esquece a lição do óbolo da viúva em Marcos 12:41-44. Em matéria de oração, eloquência e extensão são frequentemente confundidas com eficácia. Isso dá a impressão de que Deus ignora as nossas necessidades e reluta em atendê-las.

No que diz respeito ao jejum, a tendência é ignorá-lo completamente, mas iniciativas religiosas semelhantes, que consideramos acima e além do dever, costumam receber muita publicidade. Em todas as três áreas mencionadas em Mateus 6:1-18, somos lembrados de que ganhar o aplauso passageiro da multidão de hoje é perder a aprovação do nosso Pai Celestial amanhã e para sempre. A lição que deve ser aprendida é que os discípulos se contentam em ser notados pelo Pai, reconhecendo que a aprovação da multidão não importa à luz da eternidade.

Dar aos necessitados para receber publicidade não é dar de forma alguma. Equivale a pagar pela aprovação humana e a perder a aprovação divina. Veja Plummer, o velho comentarista, publicado em 1915, página 91.

Agora, devemos dedicar bastante tempo à Oração do Senhor aqui, e não podemos dedicar tanto quanto deveríamos, mas vamos tentar. O Modelo para a Oração A Oração do Senhor é, de fato, a oração modelo para seus discípulos. Ela lhes fornece não um mantra a ser repetido de forma irrefletida e supersticiosa, mas um exemplo das prioridades divinas do reino na oração.

É útil pensar em 6:9 e 10 como indicando a pessoa a quem a oração é dirigida, o Pai Celestial, e as prioridades pelas quais as orações são formuladas, sua glória. Quanto à pessoa a quem a oração é dirigida, ela é caracterizada como Pai. O relacionamento de alguém com seu pai humano inevitavelmente influencia a visão que alguém tem do Pai Celestial.

Neste dia de conscientização sobre famílias disfuncionais, pode ser útil reconhecer que o relacionamento com o pai humano pode ajudar ou atrapalhar a percepção de Deus como Pai Celestial. Deus também é nosso Pai, e está no céu. Ele é nosso Pai porque se aproximou de nós por sua graça, e é nosso Pai no céu porque permanece distante de seus filhos devido à sua glória inacessível.

O fato de ele ser nosso Pai nos leva à intimidade e à comunidade. Ele não é o pai de outra pessoa, ele é nosso. E ele não é meu pai, isolado individualistamente de outros que o conhecem.

Ele pertence a todos os discípulos. O fato de estar no céu leva seus discípulos a se aproximarem dele com admiração e reverência. Deus merece o máximo respeito por ser aquele que combina perfeitamente bondade e grandeza, graça e poder, iminência e transcendência.

Ao orar, a visão que se tem de Deus deve equilibrar Sua bondade e Sua grandeza, para evitar um sentimentalismo unilateral e meloso, por um lado, e uma apatia austera, por outro. Quanto às prioridades pelas quais as orações são formuladas, 6:9 e 10, deve-se ter em mente, antes de tudo, que a motivação não deve ser receber bens e serviços de Deus, mas sim prestar serviço a Ele. A oração não visa, primordialmente, defender nossas causas, suprir nossas necessidades, satisfazer nossos desejos ou resolver nossos problemas.

Não devemos nos precipitar na presença de Deus com nossa lista de compras espirituais e exigir gratificação instantânea. Em vez disso, nossas prioridades devem ser a promoção do nome de Deus ou de sua reputação, o avanço de seu reino ou de seu governo e o cumprimento de sua vontade. Essas três petições são essencialmente uma única petição.

Cada um é qualificado pelo desejo ardente que devemos ter de ver o Pai honrado na Terra como Ele já é honrado no Céu. À medida que nos associamos aos propósitos de Deus, começamos a perceber essas prioridades. Mas também ansiamos cada vez mais pelo dia em que as prioridades de Deus sejam plenamente realizadas na Terra.

O reino de Deus invade o domínio de Satanás sempre que as pessoas chegam à fé em Jesus Cristo. O reino também chega quando os discípulos de Jesus crescem em seus relacionamentos com Deus e com o próximo. O reino não é meramente um futuro, e a esperança dos discípulos não é escapismo.

Eles não buscam deixar a Terra em busca de uma existência celestial etérea. Em vez disso, buscam uma existência concreta na qual o céu venha à Terra, enquanto buscam os interesses do céu na Terra hoje. É útil pensar em Mateus 6:11-15, pois se refere aos problemas pelos quais os discípulos oram em 6:11-13 e ao princípio que rege suas orações em 6:14-15. Eles oram por problemas relacionados às provisões diárias, perdão e proteção em 11:13.

Ao orarem, lembram-se de que, se Deus não os tivesse perdoado, não estariam orando. E respondem a Deus perdoando os outros, 6:14-15. Quando os discípulos oram por provisões, oram pelo pão de cada dia, que representa as necessidades e não os luxos da vida. Nos tempos bíblicos, os trabalhadores eram pagos por dia.

Veja capítulo 20, versículo 8. Quando alguém ora pelo pão de cada dia, pede a Deus por necessidades imediatas. Em Mateus 6:25, os discípulos são instruídos a não se preocuparem com tais necessidades, e em 6:34, são instruídos a nem mesmo se preocuparem com o amanhã. Em vez disso, devem confiar em seu Pai incondicionalmente para tudo.

Quando os discípulos oram por perdão, reconhecem que, pela graça de Deus, agora são melhores do que eram, mas não tão bons quanto deveriam ser. Os discípulos ainda não são perfeitos e precisam reconhecer que suas atitudes e atividades estão aquém dos padrões do Reino. Ao admitirem pobreza espiritual, fome e sede de justiça (Mateus 5:3 e 6), eles oram para que Deus perdoe seus deslizes éticos em relação à Sua lei.

Receber o seu perdão é um privilégio indizível, mas traz consigo uma responsabilidade correspondente: estender o perdão aos outros. Uma pessoa perdoada é uma pessoa que perdoa. Quando os discípulos oram por proteção contra a tentação de pecar, eles oram para que Deus quebre o ciclo que tantas vezes os atormenta.

Os discípulos são tentados pelo mundo, pela carne e pelo diabo. A tentação leva ao pecado, e o pecado leva à necessidade de orar por perdão. O ciclo continua, continua e continua.

É por isso que eles oram por proteção contra a tentação e libertação das estratégias do maligno. Compare a estratégia de Jesus em Mateus 4:1-11. Enquanto os discípulos oram sobre seus problemas, suas petições são regidas por um princípio.

Assim como as petições pela glória do Pai se baseiam no princípio de que assim na terra como no céu, as petições por suas próprias necessidades se baseiam no princípio de que perdoamos aos nossos devedores (6:12, 6:14 e 6:15). Os discípulos não podem presumir que devem pedir perdão a Deus se não perdoaram os outros. A reconciliação com Deus não acontecerá sem a reconciliação com o próximo, como nos foi ensinado em 5:23 e 24.

Ninguém tem o direito de orar pela reconciliação divina se não praticou a reconciliação humana. Não é que mereçamos o perdão de Deus perdoando os outros, mas que demonstramos que Deus nos perdoou quando perdoamos os outros. Compare a parábola em 18:21-35.

Gostaria de falar hoje sobre a oração de Jabez e o livro do irmão Wilkinson. De minha parte, seja qual for o valor desse livro, continuarei com este modelo de oração que Jesus nos deixou. Precisamos refletir sobre como nossas orações hoje se comparam à oração modelo de nosso Senhor.

Se fizermos isso, a oração de Jabez se realizará por si só. Agora, passamos para o capítulo 6, versículos 19 e 34, e a maneira como nos relacionamos com os bens materiais. A título de análise, nesta passagem, há um entrelaçamento de mandamentos contra a ansiedade e o materialismo com mandamentos para crer que Deus suprirá as nossas necessidades.

Alguns dividem a passagem em duas unidades: a primeira sobre materialismo, 6:19-24, e a segunda sobre ansiedade, 6:25-34. A parte mais difícil da passagem é 6:22-23, que não só é difícil de entender em si, como também de relacionar com o contexto. No geral, Mateus 6:19-34 não é estruturado tão claramente quanto as partes anteriores do sermão. Mas podemos entender sua estrutura básica se observarmos como ele continua reciclando três coisas.

Primeiro, a proibição de atividades materialistas e pensamentos ansiosos, como em 6:19, 25, 31 e 34a. Segundo, exortações para se juntar a nós em termos prioridades do Reino em como agimos e pensamos, 6:20 e 33. Finalmente, motivações, declarações, provérbios, perguntas retóricas, que nos movem à obediência, versículos 21-24, 26-30, 32 e a última parte do versículo 34.

6:19-34 está intimamente ligado à parte das necessidades humanas da oração dos discípulos, especialmente ao seu pedido pelo pão de cada dia. Portanto, relaciona-se muito claramente com o que vimos antes. Agora, esses três tipos de declarações que mencionei — proibições, exortações e motivações — estão entrelaçados de forma repetitiva, reforçando os ensinamentos de Jesus.

Em vez de buscas materialistas, devemos buscar as prioridades do Reino, devido à futilidade da preocupação e à certeza do cuidado do Pai. Para expor brevemente algumas das principais ideias desta passagem, em Mateus 6, Jesus aborda dois assuntos: a hipocrisia religiosa em Mateus 1-18 e o materialismo ansioso em Mateus 19-34. A primeira parte do capítulo recomenda a prática adequada dos deveres religiosos, e a segunda enfatiza a prioridade adequada em atender às necessidades mundanas.

Ambas as partes do capítulo nos convidam a colocar Deus em primeiro lugar. Davies e Allison, em seu comentário, nos lembram que, tendo orado a oração de Jesus, como poderíamos permanecer ansiosos? Somos ensinados em 6:1-18 a viver pela recompensa do Pai, não pelos aplausos da multidão. Nossas orações devem, antes de tudo, expressar zelo pela glória de Deus e, em segundo lugar, expressar preocupação com nossas próprias necessidades.

Então, nos versículos 19 a 34, aprendemos que o cuidado do nosso Pai Celestial é muito maior do que o Seu cuidado pelos pássaros e flores. Ironicamente, se buscarmos o reino do Pai primeiro, nossas necessidades serão atendidas. Receberemos o que não buscamos.

Mas se buscarmos primeiro atender às nossas próprias necessidades, elas não serão diferentes dos pagãos que não têm um Deus que saiba o que precisam. Nosso Pai espera que, como Seus filhos, O coloquemos em primeiro lugar, mas Ele se deleita em atender às nossas necessidades. Os discípulos não devem permitir que suas necessidades dominem suas orações, seus pensamentos e suas atividades.

Isso é imaturidade. Mas, por outro lado, os discípulos não devem pensar que Deus não se importa com as suas necessidades. Isso é inacreditável.

Os discípulos devem priorizar sua fidelidade a Deus, ao Seu governo e aos Seus padrões justos. Ao fazê-lo, receberão tudo o que precisam para comer e vestir, por assim dizer, como benefícios adicionais. Mas se insistirem em priorizar suas próprias necessidades em suas orações e atividades, jamais experimentarão a alegria de descansar no cuidado do Pai e em Sua provisão.

A compositora de hinos, Carolina Berg, expressou desta forma: Filhos do Pai Celestial, reúnam-se em segurança em Seu seio. Pássaro aninhado, nem estrela no céu, jamais tal refúgio foi dado. Teremos que concluir nossa reflexão sobre 6:19-34 com essas palavras.

Muito mais precisa ser dito, mas é tudo o que temos tempo para fazer. Agora, passamos para a seção inicial em 7:1-6, que é uma passagem difícil de acompanhar. Parece que o julgamento, isto é, ser um censor constante de outras pessoas, é o tema em 7:1-5. Keener, em seu comentário publicado em 1999, página 240, aponta apropriadamente que essa proibição do julgamento está relacionada ao mandamento anterior de perdoar os outros, em 6:12-15. O ensinamento de Jesus sobre como lidar com as pessoas em 7:1-6 apresenta dois extremos opostos.

Primeiro, há uma advertência contra o julgamento em 7:1-5, que pode ser analisada como uma proibição inicial em 7:1, apoiada por uma motivação teológica em 7:2, e uma ilustração hiperbólica humorística em 7:3-5. Em seguida, há uma breve advertência contra o oposto do julgamento, que é a credulidade. Em 7:6, essa advertência assume a forma literária de um quiasmo ou paralelismo introvertido, ou seja, são os porcos que pisotearão as pérolas, e são os cães que se voltarão e atacarão você. Agora, o ponto central da passagem é o julgamento hipócrita versus o discernimento genuíno.

Mateus 7:1 tem a duvidosa distinção de ser um dos versículos mais citados erroneamente no Novo Testamento. O pós-modernismo agora fornece uma base filosófica sofisticada para aqueles que sempre enfatizaram o relativismo e a subjetividade, e negaram a existência de absolutos morais sobre os quais se pudesse fazer afirmações absolutas sobre o certo e o errado, o bem e o mal. Mateus 7:1 é o versículo favorito dessas pessoas.

Mas, dependendo do contexto, as palavras juiz e julgamento podem conotar análise e avaliação, ou condenação e punição. O discipulado inevitavelmente exige julgamentos criteriosos sobre indivíduos e seus ensinamentos. Muitas passagens indicam isso.

3:7, 5:20, 6:24, 7:6, 10:13 e seguintes, 13:51. O próprio Jesus faz esses julgamentos muitas vezes. 4:10, 6:2 e 5, 7:21 a 23, 8:10 a 12, 13:10 a 13 e 15:14. Portanto, Jesus não proíbe aqui o que permite em outros lugares. Ele até mesmo exemplifica isso em outros lugares.

O que ele proíbe? Bem, ele proíbe um julgamento rígido e crítico que examina os outros sem sequer olhar para si mesmo. Tal padrão rigoroso voltará para assombrar aquele que condena os outros por ele. O Rei Davi aprendeu essa lição da maneira mais difícil em 2 Samuel 12:1-15. Jesus ensina que a introspecção genuína e honesta é um pré-requisito indispensável para um discernimento claro e julgamentos morais justos.

Tais julgamentos serão, em última análise, construtivos, não retributivos, visto que os discípulos de Jesus não exigirão olho por olho e amarão seus inimigos. 5:33-48 Os discípulos de Jesus não devem ser inquisidores censores, 7:1-5, nem simplórios e ingênuos, 7:6. Aqueles que rejeitam cruelmente e continuam a desprezar o evangelho devem ser considerados inimigos perigosos do reino, cujas ações malignas podem causar grande dano. Jesus exemplifica isso neste evangelho.

Os discípulos precisam ser cautelosos com essas pessoas. Mas, a menos que removamos a trave do nosso próprio olho, por assim dizer, não seremos capazes de discernir a diferença entre um irmão na fé com um problema relativamente pequeno e um inimigo que causará grandes danos ao reino. Portanto, precisamos fazer uma introspecção genuína, porque, se não o fizermos, podemos cair no erro de julgar com hipocrisia ou ingenuidade.

Se formos ignorantes de nós mesmos, frequentemente seremos arrogantes com os outros, e o desastre resultará. Leitores atentos desta passagem notarão que o tom gracioso e positivo de 7:7-11 proporciona uma mudança bem-vinda em relação às muitas proibições que o precederam. Mandamentos levam à segurança.

Os padrões do Reino são elevados, mas os discípulos não devem se sentir encorajados ou ansiosos em persegui-los. Deus é infinitamente melhor do que o melhor dos pais humanos e promete suprir as necessidades de Sua família. Um argumento semelhante com imagens femininas é encontrado em Isaías 49.15. Passando agora para Mateus 7.7-12, esses versículos estão na forma de uma inclusão, com "Teu Pai dará àqueles que pedirem" em 7.11, respondendo a "pedir e ser-vos-á dado" em 7.7. Hagner está correto ao dizer que, superficialmente, 7.7-11 trata de oração e não tem conexão óbvia com os contextos anteriores ou posteriores.

No entanto, outros estudiosos tentam encontrar uma conexão no tema comum de como tratar as pessoas. Se for esse o caso, a passagem ensina que se deve tratar as pessoas com discernimento, não com julgamentos ou ingenuidade, mas com a mesma generosidade demonstrada por nosso Pai Celestial ao responder às orações. Isso pode ser útil, mas não é tão claro quanto gostaríamos, e é difícil relacionar 7:7-11 ao contexto anterior.

Bem, o que Jesus diz sobre a oração? Vamos expor brevemente 7:7-11. 7:7-11 pode ser considerado uma espécie de posfácio à oração modelo de 6:9-13. Essa oração se baseia na verdade de que os deveres religiosos são realizados somente para os olhos de Deus, 6:4, 6 e 18. Deus vê o que é feito em particular e recompensará Seus discípulos. Além disso, Jesus garantiu aos discípulos que seu Pai Celestial sabe o que eles precisam antes mesmo que possam pedir a Ele em 6:8 e 6:32. Portanto, já foi ensinado que Deus está ciente de Seus discípulos e de suas necessidades.

Assim, 7:7-11 vai ainda mais longe ao enfatizar que Deus conhece as necessidades de Seus discípulos e certamente responderá às suas orações das profundezas de Sua bondade, 7:11. Em meio às suas provações, os discípulos do reino são frequentemente tentados a pensar que Deus não está ciente de seus problemas e necessidades. Isso é perfeitamente compreensível, mas é absolutamente equivocado, e é desmentido por 6:8 e 6:32. Seu Pai Celestial sabe. No entanto, mesmo quando temos a certeza de que Deus conhece nossas necessidades, às vezes ainda nos perguntamos se Deus é capaz de responder às nossas orações.

Mas 7:7-8 deixa bem claro que a resposta certamente virá. Nós receberemos. E mesmo quando os discípulos acreditam que Deus sabe e responderá, eles podem duvidar que a resposta seja boa, mas são confortados pela afirmação da benevolência de Deus em 7:9-11. Seu Pai Celestial dará boas dádivas.

Deus não é ignorante, nem impotente. Ele não é malévolo. Ele não é um malfeitor.

Essas verdades precisam ser aprendidas e reaprendidas diariamente no cadinho da experiência cristã. Todos nós temos muito trabalho pela frente nesse sentido. Por fim, a última parte de Mateus 7, onde temos as três advertências.

Mateus 7:13-27, a conclusão do sermão, pode ser dividido em quatro parágrafos: 13-14, 15-20, 21-23 e 24-27. Mas o julgamento visto em 21-23 está claramente ligado à linguagem parabólica de 7:15-20. Portanto, 7:15-20, as ações dos falsos profetas, está ligado em 7:21-23 às palavras dos falsos profetas, e há apenas três seções em 7:13-27. Esses versículos constituem uma advertência severa que apresenta duas respostas contrastantes ao sermão na forma de três metáforas. As respostas contrastantes são comparadas a tomar uma de duas portas, ao fruto de uma de duas árvores e à construção de uma de duas casas sobre fundamentos diferentes.

Apresentamos um gráfico na página 19 que tenta expor o dualismo ético deste material. Ou seja, é uma afirmação forte de que se obedece ou desobedece a Deus e a Jesus. E ele expõe isso para vocês, espero que de uma forma que seja útil para nos ensinar que não há meio-termo.

É esse o ponto. Não há meio-termo. Não há meio-termo porque só existem dois caminhos.

É difícil imaginar os portões ou estradas de 7:13 e 14. Alguns acreditam que se percorre o caminho e depois se chega ao portão, mas isso inverte a ordem dos termos conforme ocorrem no texto. Embora não seja necessário responder a esta pergunta para entender a situação, é útil imaginar um muro com um portão estreito e um portão largo.

Pode-se entrar facilmente pela porta larga e, uma vez lá dentro, o caminho do antinomianismo é suave, mas de repente, como se uma ponte tivesse desabado sem aviso, chega-se ao inferno. O caminho largo que parecia prometer liberdade terminou em destruição, em separação de Deus. Por outro lado, quando se dá o difícil passo de entrar pela porta estreita, o caminho do discipulado pode ser muito árduo, mas de repente se é conduzido à vida eterna.

O caminho acidentado que ameaçava destruir terminou em liberdade, partilhando a vida de Deus. Essas duas portas e estradas indicam vividamente que aqueles que não se afastam do pecado para Deus seguem um caminho fácil, mas que leva ao destino mais difícil imaginável. Já aqueles que seguem o caminho árduo do reino chegam ao melhor destino possível, onde experimentam o máximo na vida do Pai.

Duas árvores. As palavras claras de Jesus em 7:15-23, que distinguem claramente entre dois tipos de frutos e dois tipos de árvores, parecem ser frequentemente obscurecidas em alguns círculos. Às vezes, os cristãos evangélicos tendem a trocar o dualismo soteriológico rígido de Jesus pelo pensamento da graça barata, que diz que muitos que se deleitam no caminho largo acabarão, de alguma forma, no reino com aqueles que fizeram a rigorosa jornada do discipulado.

Que haja algo controverso sobre o senhorio e a salvação de Cristo é impressionante quando se considera 7:15 e seguintes. Em outras passagens de Mateus, a metáfora do fruto é comumente usada para mostrar que somente um estilo de vida correto é compatível com o discipulado. Pegue sua concordância e encontre fruto em Mateus, e você verá.

Mateus concordaria com Tiago 2:26 que a fé sem obras é morta. Embora esse ensinamento não deva ser tornado ainda mais rigoroso por acréscimos legalistas e perfeccionistas, também não deve ser diluído pelo antinomianismo. Até mesmo Paulo, a quem antinomianos aparecem regularmente, frequentemente enfatizou a necessidade, e não a opção, da perseverança nas boas obras em passagens como Romanos 2:13, 3:8, 8:25, 11:22, 13:14, Gálatas 5:6, Efésios 2:10 e 4:17, Colossenses 1:23, Tito 2:7 e seguintes.

Mas o foco das árvores boas e más em Mateus 7:15-23 está nos falsos profetas, que são comparados não apenas a árvores más que produzem frutos inúteis, mas também a lobos que se disfarçam de ovelhas. Esse disfarce é extremamente enganoso. Os lobos são até capazes de realizar atividades semelhantes às ovelhas, como profecias, exorcismos e milagres, e não hesitam em declarar o senhorio de Jesus.

A situação é sombria, mas há uma solução. Esses lobos disfarçados de ovelhas podem ser desmascarados quando suas obras, retratadas como frutos, são examinadas pelos padrões do sermão. Se suas atividades éticas forem incompatíveis com os valores do reino aqui expostos, eles devem ser identificados e expostos como falsos profetas.

Deixando de lado suas espetaculares realizações carismáticas, compare Mateus 24:23-28 e Deuteronômio 13:1-5: seus ministérios apenas desviarão os aspirantes a discípulos do caminho do arrependimento para a vida, para a estrada antinomiana para o inferno. É melhor tomarmos cuidado com esses falsos profetas. Seria errado concluir, a partir dessa advertência contra profetas antinomianos, que Mateus tem uma visão consistentemente negativa dos profetas e das atividades carismáticas.

Isso não se encaixa muito bem, e há coisas positivas ditas sobre profetas em outros lugares. A ilustração final, a terceira advertência, contrasta dois construtores ou dois alicerces. A imagem do discipulado como a construção de uma casa em Mateus 7:24-27 é muito eficaz e é encontrada em outras partes das Escrituras, como em Deuteronômio 28:15-30, Provérbios 10:25, especialmente Ezequiel 13:8 e seguintes.

Essa metáfora também soa verdadeira hoje, visto que ouvimos falar regularmente de problemas de moradia causados por artesanato de má qualidade e materiais de qualidade inferior, que vêm à tona em períodos de condições climáticas extremas. Mas qual é a diferença entre um construtor sábio que constrói uma casa sólida e um sapateiro tolo que constrói uma casa de má qualidade? Na metáfora de Jesus, a diferença está nas ações obedientes dos discípulos sábios que agem de acordo com o que ouvem de seu mestre, em contraste com a inatividade dos ouvintes complacentes que nada fazem. Os primeiros constroem uma casa duradoura sobre a rocha, os segundos, um edifício condenado sobre a areia.

Agora, pela terceira vez, o aviso claro foi dado. Nem as multidões antigas que originalmente ouviram o sermão de Jesus na montanha, nem os leitores modernos que hoje encontram a essência dele em Mateus 5-7, podem ousar ir embora inalterados, complacentes. Fazer isso é, em última análise, não resistir à tempestade, estar eternamente separado de Jesus, chegar ao inferno.

Então, vamos prestar atenção a esses avisos, vamos resistir à tempestade, vamos entrar no reino e encontrar a vida. Fomos avisados. É melhor nos maravilharmos com essas palavras, assim como os ouvintes originais fizeram em 7:28 e 29.

Esta é a palavra autorizada do Deus vivo, da parte do seu Messias, nosso Senhor Jesus Cristo.